“SEMINÁRIOS SOBRE VISÕES”

“The Visions Seminars”

Carl Gustav Jung

PARTE VI

Seminários realizados entre 16 de dezembro de 1931 a 10 de fevereiro de 1932

SPRING 1965

A Esfinge e a Árvore

O que a esfinge?... Devemos sempre perguntar a nós mesmos em que consiste tal monstro. Se consiste apenas de partes animais, sabemos que é o conglomerado de instintos conflitantes mantidos juntos à força. Se é ao mesmo tempo humano e animal é uma combinação das partes humanas e animais do homem. A esfinge é uma combinação de animal e humano e visto que o monstro é mitológico, não é muito real, não pode viver como um ser autônomo. Um animal com uma cabeça humana é uma impossibilidade, por isso significa uma tentativa de juntar a humanidade e o reino animal, uma espécie de tentativa provisória de reconciliação entre animal e homem.

Até aqui, não ocorreu esta união nas visões; houve vários animais e pássaros, mas esta mulher, ela mesma, foi sempre um ser humano destacado. Os senhores viram que o ritmo do inconsciente a influencia, mas ainda assim, ela tem uma divergência com ele; ela não pode aceitá-lo e ainda se pergunta porque ele não se move numa linha reta como um ser humano. Evidentemente, ela não está com os animais e assim, o inconsciente faz , pelo menos, uma tentativa de união, e isto é simbolizado pela esfinge. Poder-se-ia, também, dizer que neste caso o animal está prestes a transformar-se em um ser humano, uma vez que já tem uma cabeça, ou vice-versa, que o ser humano está para mudar em um animal. Mas, precisamos entender mais sobre o simbolismo da esfinge...

Pergunta: ela não é uma guardiã do morto? Ela é sempre conectada com as pirâmides que são túmulos.

Dr. JUNG: Ela está próxima das pirâmides mas não sabemos se serviu em qualquer cerimônia de sepultamento, embora possa ter servido. A esfinge, na realidade, é uma espécie de dragão – o animal que devora o animal – podendo assim, ser um símbolo do grande enigma, da morte. Se fossemos capazes de resolver o mistério da vida, viveríamos eternamente, mas já que não podemos resolver o enigma da esfinge, ela nos devorará. E há algo mais... A esfinge é um objeto religioso, existe lá um templo e um altar entre suas patas anteriores; isto mostra que ela não é apenas um dragão ctônico ou um monstro devorador, mas também um fato espiritual. Não sabemos que espírito estranho pode estar contido na esfinge, mas talvez encontraremos mais sobre isso na elucidação posterior destas visões. Seria melhor deixarmos esta questão, por enquanto, já que é de uma natureza que só pode ser entendida quando a união entre o homem e os instintos perdidos tiver sido estabelecida. Provavelmente tem a ver com a sabedoria da serpente.

- *Visão*: Agora nossa paciente colocou-se muito intrepidamente diante da esfinge e disse: "Revela-me teu segredo".

O que diriam os senhores sobre tal atitude?

Resposta: Que é bem impertinente.

Dr. JUNG: Sim. Podemos supor que ela está num estado de inflação.

Sugestão: É parte das características do leão.

(FIGURA DA PÁG. 109 – A ÁRVORE MULHER)

Dr. JUNG: Mas há uma outra razão também... Quando uma pessoa está inflada como um balão, é uma compensação. Significa que ela confrontou-se com algo desagradável que nem quereria tocar, que preferiria olhar "de cima". Mas o que é triste é que nenhum balão pode permanecer no céu para sempre. Ele tem que descer... Nossa paciente tenta sair de alguma coisa. Esta é a razão porque assume esta atitude "de Deusa". Então ela diz:

- *Visão* (continuação): Os olhos da esfinge se abriram. Vi que eram verdes e dentro deles percebi uma árvore. Os ramos da árvore alcançavam em cima, a neve branca. As raízes da árvore, embaixo, atingiam uma corrente de sangue sob a terra.

De novo está aqui a árvore. Nós a vimos pela última vez sobre o pedestal onde antes estivera o touro. E agora ela a vê nos olhos da esfinge. O que fazem os senhores com isso?

Resposta: É uma combinação do fluxo de sangue e da árvore, de uma visão ainda mais interior.

Dr. JUNG: É verdade. A árvore é uma combinação de, ou pelo menos uma ponte entre, as coisas em cima e as coisas embaixo. A temática geral, aqui,

parece ser o conectar aqueles opostos, sangue e espírito, calor e frio. A tentativa foi feita para encontrar aquela união na esfinge, no nível do ser humano e do animal, mas agora, nos seus olhos ela vê a árvore, que parece ser uma conexão melhor e bastante real.

Aqui devemos falar de novo sobre os aspectos gerais da árvore... As plantas estão inteiramente enraizadas na terra, vítimas sem recursos ou absolutamente conformes com as leis básicas da natureza. Os animais têm a faculdade de se mover e procurar seu próprio lugar; eles são, literalmente, menos ligados às leis da terra. E a vida do homem é desligada num grau muito lato; produzimos para nós um mundo artificial que está muito distante das leis da natureza e tem um ritmo inteiramente diferente. Por isso, a planta demonstra um princípio de vida que é muito mais próximo das leis da terra do que mesmo o animal. Agora, isto é que a nossa paciente vê nos olhos da esfinge, e a esfinge é agora não mais um templo ou monumento no deserto, feito de pedra; ela é um ser vivo. O que se vê nos olhos do ser vivo?

Resposta: A alma.

Dr. JUNG: Sim. Deste modo a árvore é realmente a alma da esfinge, e é o que resolve o enigma da esfinge. É a união dos opostos que, de certo modo, foi interrompida na vida humana e animal... A melhor tentativa do homem é a esfinge, e esta é um monstro, mas a planta é humilde... Não está sempre correndo atrás de uma meta, devorando tudo que pareça ser bom; ela cresce muito silenciosamente, em absoluta submissão às leis da terra. Mesmo assim, uma árvore pode crescer até uma enorme altura. Por isso a árvore aparece

como um símbolo, sempre que se torna necessário um desenvolvimento espiritual para reconciliar opostos ou decidir um conflito.

Sugestão: O senhor se lembra da pergunta que a esfinge fez a Édipo sobre o modo como o ser humano se move na juventude, na vida adulta e na velhice?

Dr. JUNG: Sim. Ela se refere à vida humana em geral: primeiro, ao curso da vida – juventude, maturidade e velhice – e depois a movimentos particulares, à habilidade de mover-se. Para os homens primitivos o movimento é sempre o símbolo da vida... a vida é o destacamento do solo, exatamente o oposto da vida da planta. Mas, o enigma da esfinge e o ponto crucial do nosso problema é que o princípio meramente animal na nossa vida tem que ser compensado por um modo diferente de viver, e a planta simboliza isso, porque é o único exemplo que temos... Se acompanhamos o simbolismo, entendemos o problema de nossa paciente e lembramos as ocasiões anteriores em que a árvore apareceu, vamos que ela é invariavelmente o símbolo do caminho que ela deveria tomar para reconciliar os pares-opostos, e decidir o problema impossível com o qual ela ainda se confronta na vida...

Comentário: O senhor disse que a paciente interrogou a esfinge de um modo impertinente, mas parece que surtiu efeito, porque a esfinge abre os olhos e mostra seu segredo.

Dr. JUNG: Isto é verdade, funcionou, e não é fácil explicar por que. Deveríamos encarar de outro modo. O que pensa o senhor sobre isso?

Resposta: Porque é o caminho certo.

Dr. JUNG: Para lidar com que? O que é a esfinge psicologicamente?

Resposta: O inconsciente.

Dr. JUNG: Exatamente... Numa fantasia como esta, é necessário assumir o papel para o qual se pareça designado. Não é possível manter relações sociais com a esfinge, assim isto nada tem a ver com o mundo exterior. Tudo que temos que explicar é porque ela toma um ar tão importante. Mas, está certo, porque é o seu papel. Ela tem que representá-lo até que alguém estoure o seu balão e, então, ela desmontará. Agora a visão continua:

- *Visão* (continuação): a esfinge falou, dizendo: "Mulher, o caminho é duplo." Então, os olhos se fecharam. Eu supliquei à esfinge, outra vez, que falasse comigo, mas ela permaneceu calada. Eu me encostei a ela, atônita.

Esta é uma resposta bastante obscura. A esfinge, evidentemente, refere-se às palavras do leão de que ela tomou o caminho...

Comentário: Os opostos estão aí para serem vividos.

Dr. JUNG: Exatamente... Temos que viver nos dois extremos; como a serpente: para cima e para baixo, para a direita e para a esquerda. Não é

possível tomar o caminho da vida sem tomar ambos os lados dela, porque um lado apenas levaria a uma parada; se queremos viver temos que suportar os opostos, porque o caminho é duplo.

Obviamente, esta mulher não entende o sentido profundo daquela resposta. Devem lembrar-se que, quando ela teve essas visões, de modo algum ela percebia o que lhes estou dizendo agora. Havia tal jorro delas, no mínimo a cada dois dias, que tomaria um enorme tempo analisá-las com ela, e ela tinha sonhos e problemas conscientes, além disso. Assim, era impossível lidar mais extensamente com estas fantasias, e embora ela sentisse que de certo modo eram importantes, ela não entendia o que significavam. Por isso, quando ela diz: "Eu me encostei à esfinge, atônita.", é meramente uma questão de fato. Ela esta perplexa.

[Agora uma serpente a conduz a uma caverna profunda e escura, onde ela vê a múmia de um antigo rei, incrustada em ouro. Há aqui, um paralelo com seu primeiro encontro com a árvore da YOGA, depois de sua imersão na corrente de sangue. Naquela fase do sangue, ela emergiu para o sol, na forma de uma árvore, e mais tarde, desceu para a iniciação à Grande Mãe na terra (Parte Três). Aqui, temos de novo a árvore erguendo-se do sangue, seguido da sua descida – através da esfinge, um símbolo da mãe que, no começo, dá a luz e que também como o sarcófago (sarx = carne e phagein = comer), no fim devora a vida. Mas agora ela encontra a múmia de um rei. EDITOR]

A Múmia de um Antigo Rei

Nossa paciente já foi iniciada pela Grande Mãe do reino feminino, tanto espiritual como fisicamente, mas não havia Grande Pai, e o que ocorreu, então, era uma partenogênese, um nascimento de uma virgem. A ausência do Grande Pai era, naturalmente, uma grave omissão e, na realidade, foi isto que a perturbou desde então. Por isso, tem ela que descer de novo, para encontrar o que perdeu ou não percebera. Desta vez, o antigo rei que ela descobre, simboliza não o pai humano mas, o pai divino, o pai da humanidade, uma espécie de Criador... Mas este pai está morto, ele é uma múmia.

Aqui está outra vez uma conotação egípcia, porque ela conhece alguma coisa sobre mitologia egípcia... O Deus que é adorado predominantemente sob a forma de munia é OSIRIS. Como rei do submundo ele atingiu seu maior poder somente através de sua morte. Lembram-se, ele foi desmembrado por SET e novamente juntado pela MÃE ISIS, mas ele era um espírito e, em particular, seu falo estava faltando. Mesmo assim, ele foi capa\z de gerar como um espírito – espiritualmente...

Este estranho mito mostra uma tendência na mente inconsciente para destronar o óbvio Deus do mundo – o visível princípio da existência, é isto – e substituí-lo por um princípio espiritual, algumas vezes um princípio do submundo, que só pode prosperar com segurança na escuridão e no segredo, escondido do olho do sol e tendo realmente mais a ver com a lua. Isto é porque o espírito do homem não é masculino, ele pertence à mãe, ao inconsciente lado feminino. O homem quereria que isto não fosse verdade, e está sempre tentando fazer do

espírito algo intelectual e masculino. Mas o espírito na sua forma original é sempre feminino, ele vem da Grande Mãe...

A idéia é que OSIRIS só se tornou um espírito pela morte, que é preciso morrer para tornar-se livre ou desenvolver o espírito. Este é o princípio essencial da religião cristã; só através da morte pode-se obter a imortalidade, ou através de uma morte figurativa, ou de uma morte real... O antigo rei morto que ela encontra agora é uma múmia e não foi transformado ainda num princípio espiritual, mas é como OSIRIS. Esta parte da visão tem uma conexão com a ressurreição do morto... e que a múmia está coberta com outro indica seu caráter real muito precioso. Olhando para o sarcófago, ela continua:

- *Visão:* Ele abriu-se, lentamente, e ouvi uma voz que dizia: "Desenrola a faixa de linho que me envolve." Assim, fiz e lá apareceu uma estranha criatura, meio animal, meio homem. (Vejam, é um homem, não uma mulher como a esfinge, e ela o descreve mais tarde como parecendo um fauno.) "Quem és tu?" , eu perguntei. Ele respondeu: "Eu sou aquele que habita embaixo da própria esfinge. Embora me envolvas com linho não podes matar-me porque estou dentro de ti e lá eu cresço."

Obviamente, este é o princípio que ela tentou manter sob controle. Ela mesma executou o serviço com o corpo, envolvendo-o em longas faixas de linho de múmia. Ela está no papel da MÃE ISIS que trouxe a morte ao Deus, mas agora lhe dá um enterro decente e o prepara para uma nova vida. Este envolver em faixas tem alguma coisa a ver com o enfaixar ou vestir uma

criancinha. Também o caixão da múmia é uma espécie de forma maternal. Esta é a razão pela qual encontramos às vezes representações da Grande Mãe dentro do sarcófago; no fundo ou na parte inferior do sarcófago de madeira está pintada uma mulher com braços estendidos, segurando o sol. Assim, o homem morto realmente jaz na mãe. Os etruscos tinham um rito similar: as cinzas do morto eram colocadas numa ânfora e postas dentro de uma estátua de barro da mãe. E os cristãos nos tempos medievais punham seus mortos em solo sagrado dentro da igreja, como mãe, para lhes dar a possibilidade de ressurgir na vida eterna.

Assim aqui, o ser estranho, meio-humano, meio-animal, aquele homem-OSIRIS, está sepultado na mãe e é preparado para a ressurreição final. E este é o momento da ressurreição. Naturalmente, ninguém esperaria que a múmia fosse meio-animal e meio-humana... Que OSIRIS tivesse tal aparência é uma idéia inteiramente nova. Esta é uma representação do espírito tal como aparece a uma mulher na sua genuína forma vivente, ela o vê como meio animal e meio homem... Agora, que espécie de mente tal animus indicaria?

Resposta: A mente natural.

Dr. JUNG: Sim. A assim chamada mente natural, que diz as coisas de modo absolutamente direto e inclemente.

- *Visão*: (continuação): Eu vi que numa das mãos ele segurava um bastão e na outra uma taça. Olhei dentro da taça e vi refletido meu

próprio rosto. Era preto e em redor da minha cabeça havia um halo branco. Eu disse: “Isto a esfinge me disse. O caminho é duplo.”

(FIGURA PÁG. 112 – A CRUZ EGÍPCIA)

Vêem que a figura agora tem atributos... Ela desenhou o bastão na forma de uma crux ansata (cruz de alça), mas parece-se com o bastão de pastor. Ele significa orientação; com freqüência encontramos o bastão no Velho Testamento – nos salmos e também nos livros proféticos – significando um guia... Deus providencia um bastão seguro no qual se pode apoiar. Assim, isto dá à mente natural a qualidade de guia, o poimen ou pastor. Depois ela olha dentro da taça seja um espelho, mas desde que aqui ela funciona como ambos, podemos ter certeza de que duas funções vêm juntas neste símbolo. O que indicaria o espelho?

Resposta: Auto-exame.

Dr. JUNG: A compreensão ou conhecimento de si mesmo. Geralmente, um espelho simboliza a mente ou intelecto. SCHOPENHAUER usa esta metáfora. Ele diz que o intelecto ergue um espelho para a cega vontade primordial de modo que ela possa reconhecer-se a si mesma e negar-se a si mesma quando percebe aquilo que é, isto é, um cego e tateante impulso que só conduz ao sofrimento. Compreendendo a cegueira do seu próprio propósito, ele negará a si mesmo. Assim, o mundo chega a um fim para o indivíduo que reconhece a ilusão do mundo. Certamente, esta é também uma idéia oriental... Assim, o

espelho é, obviamente, uma função de auto-conhecimento. Mas o que é a taça?

Resposta: Os dois símbolos juntos, talvez sugeririam Yin e Yang.

Dr. JUNG: Sim. A taça seria a forma feminina e o bastão a forma masculina, o que significa a união dos opostos; masculino e feminino estão juntos neste POIMEN. Também significa nem masculino, nem feminino. Isto está expressado naquilo que se chama o Evangelho de acordo com os egípcios (apócrifo) citado por CLEMENTE de Roma na conversação entre Jesus e Salomé. Salomé pergunta a Jesus quando as profecias serão consumadas e Jesus diz: "Quando houveres pisado sobre a vestidura da vergonha, e quando os dois se tornam um e quando o macho com a fêmea nem é macho, nem é fêmea..."

A coisa irreconhecível e incompreensível só pode ser expressada por um paradoxo; quando não podemos entender uma coisa na sua essência, quando não podemos captá-la pelos meios da razão, nós a descrevemos desta forma...

A união do masculino e do feminino, nesta figura, significa simplesmente além do sexo; não é nem masculino, nem feminino, é alguma coisa compreensível. Isto é, a mente natural já não está sujeita a um ponto de vista sexual, não é nem o ponto de vista de um homem, nem o de uma mulher, é o ponto de vista exatamente além, e isto aponta a sua divindade. O que está além do humano é animal e divino, e nem animal nem divino. Por isso temos símbolos animais para o divino, por exemplo, o Espírito Santo como uma

pomba; todos os deuses antigos tinham sua contra-parte animal. Assim, a mente natural não é uma função do homem; é uma parte da natureza, a mente de árvores, rochas, água, nuvens ou ventos, e tão implacável, tão absolutamente além do homem, que dificilmente o leva em consideração. Quase se sente que as formas de expressão da mente natural carregam uma inclemência quase animal, junto com uma estranha espécie de superioridade que vai muito além do homem. Ela contém uma verdade fundamental que a torna superior, e por causa desta superioridade ela é também divina.

Agora temos que admitir que esta paciente tem uma particular capacidade para perceber a assim chamada mente natural. Nesta figura de OSIRIS ou PAN, está expressado isto. O que significa ele mostrar a ela, no espelho, que seu rosto é preto, que ela parece um negro?

Pergunta: É uma alusão ao Messias negro? (ilustração 13)

Dr. JUNG: Sim, ao negro que duas vezes disse a ela: "Agora tu estás unida comigo." Esta era a declaração de uma união muito íntima, o que significa que a negridão entrou nela, que ela se tornou preta. E se tomamos a cor como simbólica, o que indica ela?

Resposta: Não é a cor de Yin?

Dr. JUNG: Sim, é a cor da terra... Ela é agora extremamente feminina e muito no lado Yin; seu rosto é preto porque ela é nada mais que terra... Mesmo assim, ela tem um halo branco.

Pergunta: Isto não significa que a luz sai da escuridão?

Dr. JUNG: Sob certas condições... É verdade que o dia nasce da noite, mas não é tão certo que a ausência de luz produz luz Isto é, outra vez, um paradoxo. Temos que supor que o preto e o branco existem simultaneamente. Nesse caso, o halo indicaria que ela é uma santa, mas uma santa preta; que ela está santamente na sua negridão...

Quando alguém se encontra num pólo, o outro pólo está naturalmente constelado. Neste sentido, pode ser dito que a noite sempre produz o dia. É da posição extrema dela que vem a luz branca, o halo, que dá uma aparência de santidade à sua atitude Yin.

Comentário: O rosto preto e o halo branco dão a idéia de um par de opostos dentro dela.

Dr. JUNG: Sim, mas os opostos não teriam aparecido se ela não se tornasse absolutamente preta; é porque ela foi para um extremo que o outro se constelou... De outro modo o branco não teria aparecido, e ela teria se mantido cinza. Se não somos capazes de ir para um extremo, nunca podemos constelar ou produzir o outro extremo. Por isso, está dito nas Escrituras, “Assim, porque tu és morno, e nem quente nem frio, eu te cuspirei para fora da minha boca...” (Rev. 3:16)

[O espírito estranho agora desaparece depois de lançar a taça ao solo, quebrando-a, e um bode, não uma serpente, a conduz de volta à superfície. Dr. JUNG explica que agora, que ela adquiriu a "mente natural", ambos os animais lhe dão melhor orientação do que as figuras de Animus que ela costumava seguir. Era natural ser conduzida, quando descia, por uma serpente, e agora seguir um bode, ao subir, já que os bodes costumam sempre subir muito alto. (Capricórnio) – EDITOR]

Lembram-se: quando a estranha figura de PAN apareceu pela primeira vez, ela lhe perguntou quem ele era, e ele respondeu: "Eu sou aquele que habita embaixo da própria esfinge." Agora, quando ele desaparece, podemos ver que é como se ele se tivesse tornado uma parte dela, como se o renascimento tivesse ocorrido dentro dela. O que significa que a mente natural, ou o Deus-homem, que antes estava fora como sempre esteve, agora está dentro? O fato de que ele teve eu nascer fora antes de poder tornar-se uma coisa dentro explica a necessidade do ritual de renascimento? Qual é o significado psicológico disto?

Resposta: Esta parte dela estava projetada, antes, e agora está assimilada.

Anima e Animus como Funções Psicológicas

Dr. JUNG: Sim. Agora não está mais projetada. É o Animus, que sempre esteve fora dela. Psicologicamente, a projeção tem sido a condição costumeira das coisas, desde o começo do mundo. Mas agora chega o grande momento do

renascimento, quando ela assimila o animus e começa a entender que ele é uma função psicológica. |Pela primeira vez na história o Animus está aparecendo agora como uma função humana. Antes disso, Animus e Anima nunca tinham sido parte da psicologia humana, eram sempre projetados. Esta é a razão pela qual eu uma vez disse que me parecia como se a mente humana tivesse crescido de objetos externos no mundo inteiro. É como se nossa consciência tivesse realmente começado com as estrelas, não no cérebro, e como se nós houvéssemos apenas começado esses fatos psicológicos no nosso tempo. Na Idade Média, quando um homem descobria uma Anima, ele a aprisionava e o juiz mandava queimá-la como uma bruxa. Ou talvez uma mulher descobria um Animus e este homem era condenado a tornar-se um santo, ou um salvador ou um grande mago.

Os magos são feitos por projeção. Muitos tornaram-se líderes bem contra a sua própria intenção, eles são forçados a isso porque o papel de líder é projetado sobre eles. Os coitados tornam-se vítimas das expectativas de outras pessoas. Só agora, através do processo analítico, Anima e Animus – que antes sempre estiveram fora – começam a aparecer transformados em funções psicológicas...

Mas é muito difícil ver a mente natural... como uma parte integrante da nossa própria psique. Vejam, quanto mais nós assimilamos tais funções, tanto mais duvidamos da existência de uma mente ou psique humana. Tivemos que assimilar tantas coisas que tenho receio de que isto esticou demais a “malha” da nossa capacidade mental... Estivemos comendo os Deuses e existe o perigo de ficarmos demais empanturrados e explodirmos... Isto explica a nossa atual

inflação; nosso tamanho aumentou enormemente porque estamos hospedando os Deuses de cima e de baixo. A consciência humana tornou-se quase divina, e as pessoas acreditam que estamos de fato no topo do mundo. Em vez de duvidar mais e mais da nossa própria identidade, realmente pensamos que somos Vênus e Marte e todo o céu astrológico.

Deveríamos desidentificar. Não deveríamos nos identificar com aqueles imensos poderes que em tempos idos eram os grandes Deuses adorados nos templos. No passado, um homem que estivesse possuído por uma incontrolável emoção era sempre encarado como um possesso e ninguém se enganava o suficiente para pensar de outra forma; ele era apenas uma triste pobre vítima. Mas agora, se um homem está com raiva, nós o responsabilizamos.

Os primitivos teriam medo de fazer isto, eles esperariam até que o espírito o tivesse deixado. E num plano superior, o analista deve fazer a mesma coisa; quando um paciente fica fora de controle, deve-se dizer: "Agora vamos apenas esperar. Você está possuído por um espírito mau, um pensamento que o está cegando. Esperaremos até que a tempestade tenha passado." Eu não o faço identificar-se com sua raiva, porque ele tem que aprender que ele não é necessariamente idêntico às suas emoções. Nenhum de nós responsabilizaria alguém por uma tempestade, e é igualmente impossível responsabilizar alguém por sua psique. Só quando aprendemos que a alma ou psique é realmente um mundo com suas próprias leis, como o muno no qual vivemos e nos movemos, desceremos às nossas proporções naturais. Enquanto nos

identificamos com nossa psique, somos apenas megalomaníacos e as coisas andarão muito mal para nós... Mas continuemos com a próxima visão.

Aparece a Gárgula

- *Visão*: Vi uma catedral gótica com altas formas lanceoladas. Uma grande procissão religiosa estava entrando na igreja e cantava um Te Deum. Um animalzinho grotesco, semelhante a uma gárgula agarrava-se à vestimenta dourada do sacerdote. Este tentava afastá-la, mas não conseguia. Eu entrei na catedral com a procissão. O sacerdote subiu os degraus para o altar e elevou ao alto o cálice sagrado. Quando ele fez isso, pequenos animais e sapos saltaram dele.

Aqui está uma situação nova. Nós nos movíamos numa atmosfera antiga e pagã, e agora, de repente, vem o motivo cristão. Isto é muito natural. Quando alguém esteve profundamente imerso no paganismo, pela lei do contraste o posto se constela...

Comentário: Talvez a catedral cristã apareça aqui apenas para mostrar que não é adequada para ela, porque ao mesmo tempo entra a gárgula.

Dr. JUNG: A gárgula mostra que alguém ainda está representando o papel do diabo, mas a cena cristã está constelada pela sua face negra... sua aceitação

incondicional de um ponto de vista antigo, ctônico. (O paganismo não é, necessariamente, ctônico, ele pode muito bem ser espiritual. Mas para nós ele tem, usualmente, um caráter ctônico quando ocorre nessas visões inconscientes, porque tudo o que a antiguidade produziu de natureza espiritual, foi assimilado pelo cristianismo... Os elementos ctônicos do paganismo foram excluídos e suprimidos e por isso estão no inconsciente; quase todos os produtos inconscientes estão saturados com qualidades ou alusões ctônicas.) Então, emerge a reação histórica... E quando costumam cantar o Te Deum?

Resposta: Para expressar gratidão.

Dr. JUNG: ele faz parte, usualmente, de um rito para celebrar um particular conseguimento, uma vitória, por exemplo, sendo assim uma espécie de ação de graças – TE DEUM LAUDAMUS. Faz parte de todo momento que celebra o triunfo da igreja, ou a solene entrada de um cardeal ou do Papa. Significa sempre uma culminação de alguma espécie; pode ser a culminação do próprio rito. Aqui significa o triunfo da igreja cristã. E neste momento, que expressa o extremo oposto daquilo que a negridão de sua face representa, aparece o animalzinho grotesco como uma gárgula. Já viram aquelas figuras nas igrejas góticas. São, frequentemente, escoadouros para a água, e os assentos góticos dos coros muitas vezes são belamente decorados com pequenos gnomos e anões, sapos e lagartixas, e todos os tipos de criaturas estranhas. Tais animais grotescos representam as raízes ctônicas e por isso supõe-se que vivam em covas ou entre as raízes de árvores; são os animais da

escuridão, das profundezas da terra, e são sempre um tanto cômicos – em vivo contraste com o mundo da luz. De onde vem esta idéia?

Resposta: eles interrompem a linha gótica que sobe até as nuvens.

Dr. JUNG: Sim. A linha gótica, essa maravilhosa elevação, esse efeito ascendente, é naturalmente interrompido por esses espíritos zombeteiros... Também os encontramos na poesia, na segunda parte do Fausto aparecem entes grotescos, os Lêmures. Lá eles são fantasmas malévolos do morto, chamados pelo diabo para cavar a sepultura de Fausto... Tais figuras podem ser vistas também no Egito. O ctônico Deus BES é uma figura arquetípica; ele é um anãozinho extremamente grotesco, mas é também o instrutor de DORUS, do mesmo modo como MIMIR é o instrutor de SIEGFRIED. Assim, a aparência mais grotesca é associada com sabedoria. Foi apontado muitas vezes que o busto de SÓCRATES é como um fauno ou como SILENUS; mesmo para a gente da antiguidade aparecia grotescamente feio, e no entanto, era o pai da sabedoria.

Comentário: Encontra-se a mesma idéia entre povos primitivos. Depois de muitos rituais sérios, alguns índios norte-americanos usam máscaras grotescas.

Dr. JUNG: Sim... Algumas vezes há um grupo especial dentro de uma tribo índia cuja tarefa particular é ridicularizar os Deuses. São os palhaços dos Deuses e são chamados os “deleitadores”. Na igreja Católica, ainda no século XIII, celebrava-se uma missa burlesca na qual canções vulgares e obscenas

eram cantadas como respostas, para que uma vez por ano a estrutura hierárquica da Igreja fosse interrompida...

Comentário: Os reis costumavam ter bufões que eram deformados.

Dr. JUNG: Muitas vezes eles eram personagens importantes, como também a fonte da maior sabedoria que o rei poderia ouvir...

Estes exemplos mostram que a sabedoria ctônica tem sido sempre associada com uma forma grotesca. E isto não é apenas lenda; é um fato que o anão é especialmente sábio. Isto é assim porque um anão ou uma pessoa de alguma forma deformada ou mutilada é em geral muito ambiciosa – ela, de outro lado, realiza um desenvolvimento compensatório – como WAYLAND, o ferreiro, cujos tendões eram cortados, e VULCÃO (HEFAISTOS), o Deus dos ferreiros, que era manco. E o vidente é muitas vezes cego, MELAMPUS, por exemplo, o famoso vidente da antiguidade. Provavelmente, os primeiros intelectuais, num tempo em que os homens eram, principalmente, guerreiros, foram aqueles que tinham que ficar em casa, por serem aleijados por nascença ou incapazes devido a doenças. Ainda mais, pessoas anãs ou mutiladas sempre exercem um fascínio porque há algo estranho nos seus olhos; muitas vezes são reconhecidos por uma peculiar expressão do rosto, embora não se saiba que são mutilados. E sabem como as crianças reagem a estas pessoas, como têm medo delas...

Quando o sacerdote subiu ao altar e foi atacado pela gárgula, isto significava que o fator ctônico estava se afirmando; embora parecesse ser completamente

superado pela qualidade espiritual da mentalidade gótica, não foi reprimido mas começou a perturbar a cerimônia. A pequena criatura manteve-se agarrada às roupas douradas do sacerdote, que tentava livrar-se deste fator pagão, mas não o conseguia. Então, quando o sacerdote ergueu o cálice sagrado no ritual, pequenos animais e sapos pularam para fora dele...

É bem possível que a paciente, aqui, esteja aludindo a alguma coisa que leu, como é muitas vezes o caso, nessas visões. Ainda mais, é provável que ela tenha visto no meu "Psicologia do Inconsciente", a reprodução de uma pintura muito famosa de SÃO JOÃO por QUENTIN MATSYS. Muitas vezes SÃO JOÃO é representado como um cálice, mas esta pintura é incomum por haver um pequeno dragão com pés e asas no cálice. Isto se refere a uma lenda de que foi dado um cálice de vinho envenenado a SÃO JOÃO, mas ele fez desaparecer o veneno fazendo sobre o cálice o sinal da cruz. Provavelmente, esta é uma lenda explanatória, já que muitas vezes inventam-se lendas para explicar algo de outra forma inexplicável. Mas ela realmente não explica esta pintura, porque se tivesse havido uma serpente real no cálice, SÃO JOÃO a teria visto. Portanto, a serpente deve simbolizar o veneno. E quando ele anula o poder do veneno, a eficácia da poção, porque surgiria do cálice uma cobra ou dragão?... Provavelmente isto tem a ver com o antigo simbolismo; no início da cristandade, muitos motivos foram tomados de antigas ilustrações e modos de pensar.... Assim, o cálice na visão pode originalmente ter parecido diferente, como o cálice com a serpente.

(FIGURAS DA PÁG. 116 – S. JOÃO E O SIMBOLO DE ESCULÁPIO)

A Serpente como um "Daimon" da Alma

A serpente era o animal sagrado de ESCULÁPIO, o Deus dos médicos, eu tinha um clínica famosa para todas as doenças, em Epidauro. Uma enorme serpente era mantida lá e no tempo de uma grande peste, quando DIOCLECIANO era o imperador, a serpente – que não era mítica mas real – foi levada de Epidauro a Roma como uma espécie de feitiço apotropáico. Provavelmente o cálice tem algo a ver com aquela serpente. Como podem ver, a idéia do antigo símbolo é que a taça ou cálice contém o remédio, mas para torná-lo poderoso, para dar-lhe mana e verdadeira virtude curadora, é necessária uma gota de veneno, a adição da serpente. Poder-se-ia dizer que a serpente era o "daimon" familiar de ESCULÁPIO. E ESCULÁPIO era uma espécie de Deus-herói. Ele era o mediador – um Cristo pagão, realmente uma figura de Messias – e ele tinha, como todos aqueles antigos heróis o tinham, a alma de uma serpente. Na mitologia do norte dizia-se que era possível reconhecer o herói pelo fato de que ele tinha olhos de serpente... Isto não era de forma alguma depreciativo, simplesmente denotava o seu caráter divino...

Assim, a serpente é um "daimon" da alma e a idéia é que, quando o médico prepara seu remédio, este é um trabalho humano – está tudo bem, perfeitamente certo – mas não tem eficácia até que o "daimon" da alma do médico ponha pelo menos uma gota de veneno nele, então ele produz efeito, então há nele poder mágico. Esta é uma concepção extremamente moderna. Quando o remédio de um médico nada mais é do que rotina, quando ele o extrai de um manual de farmacologia... não há "essência" nele, falta-lhe a coisa real; mas quando o "daimon" da alma está nele, ele atua. Haverá nesse caso uma forma especial de participação mística: a serpente, como uma alma,

representa as camadas inferiores da personalidade humana, o animal de sangue frio, o animal da escuridão, da medula espinhal e do plexo solar.

Desde tempos imemoriais, o plexo solar tem sido associado com o sistema nervoso "simpático"; a palavra "simpático", significando "sofrer com", vem do grego "sympatheia" (syn=junto, com e pathos=sentimento, sofrimento). Paradoxalmente – já que ele não tem órgãos do sentido nem cérebro e é representado por um animal de sangue frio, a serpente – é através do sistema nervoso simpático que, principalmente, nós sentimos. Nossa experiência de "participação mística" vem através deste sistema psíquico interno, profundamente no inconsciente. É como se estivéssemos conectados com todos os demais através desta região hipocondríaca. Nos livros dos antigos médicos alemães, como JUSTINUS KERNER, ou no livro de PASSAVANT sobre magnetismo, o sistema simpático tem papel importante, (o sistema simpático é denominado, hoje em dia, "sistema autônomo". Incluía também a parte parassimpática! Atualmente começa a aparecer de novo esse antigo modo de ver, só fazendo didaticamente, uma diferença entre simpático e parassimpático) e particularmente a região hipocondríaca – que é o triangulo bem acima do estômago, em frente do plexo solar. A paciente de KERNER, a famosa vidente de PREVOST, dava especial importância a esta região; tudo que ela queria ler ou entender ou com que queria entrar em contato "simpático", ela colocava neste ponto altamente sensitivo.

Agora, aplicado ao nosso simbolismo, isto significaria que o remédio do médico é bom ou de valia, somente se a serpente colocou nele uma gota de "simpatia" – de participação mística – e podem entender a extraordinária

sabedoria aí contida. Porque SÃO JOÃO estava munido de um símbolo como este, podemos apenas especular, já que, segundo se diz, o médico era SÃO LUCAS. A interpretação cristã, entretanto, é muito simples: o cálice contém o vinho ou o sangue, é o *pharmakon athanasias*, o remédio da imortalidade, e o vinho não é bom e forte, a menos que seja o sangue de CRISTO . Mas ele só se torna o sangue de CRISTO pela graça de Deus; isto é, através da "*intercessus divinus*" no sacramento, no rito da transubstanciação. Assim, CRISTO apareceria na forma da serpente.

Que CRISTO era uma serpente curadora é uma idéia gnóstica. Seu sangue é a essência de sua vida, e o veneno curador para o mundo.Somente quando CRISTO põe esta gota mágica de sua essência no cálice, o vinho se torna o sangue, só então ele se torna mágico, o remédio da imortalidade... É bastante curioso que não há dificuldade em identificar o dragão ou a serpente com CRISTO, mesmo dentro da iconografia cristã; porque o que se vê usualmente, no cálice é a Hóstia como o sol nascente, e a Hóstia é o corpo de Cristo – é o Cristo no cálice. Assim, quando encontramos o dragão ou a serpente lá, podemos estar certos de que significa CRISTO. A interpretação gnóstica foi adotada, mais ou menos inconscientemente, no início da Igreja... Porque embora a igreja perseguisse os gnósticos como herejes, absorveu tanto, se não mais, das heresias como da antiguidade.

Os Sapos e Pequenos Animais

Agora, falando psicologicamente, de onde vêm os sapos e outros pequenos animais que pulam do cálice? Temos que ver onde se iniciam estes símbolos,

porque há uma espécie de transformação aqui, com um começo e um fim. Isto não é meramente uma série desconexa de imagens; há um interno encadeamento causal dos fatos.

Resposta: Eles vêm do elemento ctônico que estava nela, depois foi para a gárgula e de lá para a serpente.

Dr. JUNG: Sim. A gárgula é a serpente. Ela mantém-se agarrada às roupas do sacerdote, ele não pode livrar-se dela e ela entra também na cerimônia sagrada. A gárgula rasteja para dentro do cálice e reaparece transformada – embora não muito transformada, porque o sapo e outros pequenos animais são muito similares. Provavelmente há, também, no fundo da mente da paciente aquela figura da "Psicologia do Inconsciente" que mostra o pequeno dragão alado, como uma gárgula, saindo do cálice. Estas criaturas são como a gárgula também, mas menos grotescas – presumivelmente apenas pequenos animais de sangue frio. A única coisa que ela viu realmente com clareza foi um sapo pulando para fora do cálice... O sapo também aparece na alquimia sob a forma de rã – eles não prestavam muita atenção a pequenas diferenças zoológicas, naquele tempo; assim, podemos juntá-los e chamá-los por um único nome... Na alquimia a rã bebe leite dos seios da Virgem. E há uma fonte em Nürnberg onde a água jorra dos seios de mulheres para dentro da boca de sapos. A rã é também um símbolo medieval para o útero. E há aquele lindo conto de fadas do sapo e da princesa:

"A princesa brincava com uma bola dourada que caiu dentro de um poço de onde ela não podia retirá-la. Mas no poço havia um sapo que disse que ele poderia levar a bola se a princesa cumprisse três desejos dele: sentar-se na sua mesa, comer do seu prato e dormir na sua cama. Ela prometeu tudo porque estava muito desgostosa com a perda de sua bola.

Assim, o sapo a trouxe para cima, mas então, é claro, ela quis esquecer as condições e ele teve que lembrá-la de sua promessa. Cada vez ela obedecia com relutância, porque o sapo era tão terrivelmente escorregadio e frio e repulsivo, que cada exigência era pior que a anterior. Estar na mesma sala, tudo bem, mas comer na mesa e do mesmo prato! A última condição, então, de que o sapo dormisse na sua caminha, esta então, nem ouvir falar; ela não permitiria isso. Mesmo assim, o sapo introduziu-se na cama dela, de onde ela o retirou e o jogou contra a parede. Nesse instante o sapo desapareceu e em seu lugar surgiu o Príncipe Encantado."

A bola dourada é o sol que representa a nossa libido. Quando a libido da princesa escapa, a pobre menina tem uma depressão, perde sua alegria de viver. Ela não sabe para onde foi e quer recuperá-la. Então, a voz das profundezas diz que se ela cumprir aquelas condições ela voltará a ter seu encanto de viver. Em outras palavras, ela tem que assimilar alguma coisa fria e repulsiva, e se ela for capaz de fazê-lo, recuperará sua alegria e seu príncipe aparecerá.

Esta é uma verdade eterna e ao mesmo tempo uma quota de sabedoria que tem muitas aplicações práticas. Eu tenho que dizer bem a mesma coisa umas três ou quatro vezes ao dia. Há também um grande simbolismo religioso nisto: o sol, a luz do dia desaparece; nosso mais alto valor – porque a bola dourada é o nosso mais alto valor – desaparece na escuridão, e não sabemos o que fazer. Somos deixados em uma total escuridão, na tristeza do desespero. Então, ouvimos as vozes das profundezas e elas apresentam condições das quais não gostamos nem um pouco. Mas, se podemos cumprir essas condições, a luz da divindade retornará, o super-homem. Porque o Príncipe encantado é sempre

um homem superior, um modelo de virtude, e representa a renovação do homem, sua própria ressurreição.

A idéia aqui é semelhante> isto é, os sapos que aparecem não significam uma profanação do cálice sgrado, indicam a substância curadora ou símbolo curador que emana do ventre do cálice. Esta é a conexão entre a Virgem e o cálice: a Virgem é o vaso, o *vas insigne devotionis*, como a chamam na ladainha de Loreto, o excelso vaso de devoção no qual é lançada a devoção dos fieis. E a Virgem é, ao mesmo tempo, o signo astrológico VIRGO, indicando a terra; assim, a terra é a taça, o receptáculo ou vaso de devoção no qual é lançada a devoção dos fiéis. E a Virgem produz o Príncipe Encantado, o homem superior, e belo jovem, uma espécie de mediador de qualidade pagã (já que os contos de fadas são inteiramente pagãos) ou ela produz o amado rei espiritual, CRISTO. De outro lado, a virgem dá à luz ou nutre a rã ou o sapo.

Assim, o sapo é um símbolo peculiar. Se pensam na transformação do sapo em Príncipe Encantado e nos sapos alimentados pelo leite da Virgem... percebem que esta é simplesmente uma outra analogia; o sapo é um animal simbolizando a criança.

Sugestão: Esta é a coisa que NIETZSCHE não pode aceitar.

DR. JUNG: O “homem mais hediondo” em “Assim falou Zaratustra” era a coisa que ele não podia aceitar. Como esta paciente, NIETZSCHE voltou à experiência dionisíaca, e a idéia do “homem mais hediondo” seguiu-se a isto; então, depois de muitas voltas – um movimento serpenteante do simbolismo –

o livro termina com a idéia do super-homem. Ele recusou-se a aceitar o outro lado porque era demais repulsivo e porque associou-se à sua fobia. (Ele sofria da idéia de que tinha que engolir um sapo ou uma rã, e sempre que via um deles sentia uma inclinação compulsiva para engoli-lo). Isto apareceu num sonho em que ele tinha uma rã sentada em sua mão; isto se referia à sua infecção sifilítica, que ele realmente não podia aceitar. Foi aí que ele colidiu com a terra, e onde a terra o derrubou. Mas esta é uma questão paralela.

Mas, o sentido geral do sapo é bem claro ... Ele simboliza um estágio transitório... e representa seres bem definidos – crianças, naturalmente. Talvez, nunca tenham pensado que o sapo é a primeira tentativa da natureza para produzir uma criatura como o homem, um animal com duas pernas, duas mãos e sem rabo. Mas, quando as mães dão banho em seus filhos, chamam-nos pequenos sapos ou girinos na água; também uma criança anã ou moleques de rua são chamados rãzinhas. E aqui na Suíça dizemos também que uma garota ("*flapper*") é uma rãzinha. Assim, o sapo é uma espécie de criança; é uma tentativa "infantil" da natureza de produzir algo como o homem no nível dos animais de sangue frio; é um homemzinho de sangue frio. O sapo no conto de fada poderia ser chamado uma espécie de homem embriônico no qual o belo príncipe ainda não é reconhecível. Este conto de fada, em certo sentido, é muito profundo.

O Homem como Ele é: a Pedra Rejeitada pelos Construtores

Como percebem, a idéia mais profunda é que o príncipe sapo é homem. O homem, como ele é, é a forma-sapo do homem superior ainda a vir, do belo ser que está no homem, mas que ainda não se revelou. Nós somos as repulsivas, feias cascas envolvendo o cerne dourado, a alma divina do homem. Este pequeno conto de fada é, na realidade, um grande mito, uma espécie de mito de iniciação; talvez derive, ou é a fonte, do antigo mito de que o homem, por uma violenta intervenção, possa romper a casca, possa tornar-se o ser superior.

Assim, quando o sapo aparece em sonhos, visões ou contos de fadas, significa o homem no seu aspecto ctônico, seu aspecto "nada mais do que"; nossa consciência do que é o homem de ser humano, é o sapo; significa o homem visto como um ser meramente biológico. Mas isto é apenas a casca exterior de algo muito mais belo e perfeito dentro, a casca que será quebrada e descartada, ou pela morte, quando o homem belo é liberado ou pela intervenção de um rito místico na iniciação. Esta é a razão pela qual em certas tribos africanas, os membros da tribo que se recusam a entregar-se aos cruéis testes de iniciação são chamados animais pelos outros. Eles não foram libertados da casca animal. Eles ainda são sapos de sangue frio, vivendo apenas parcialmente na terra – isto é, ainda parcialmente imersos na condição primeva do inconsciente – e não atingiram ainda o calor do ser divino semelhante ao sol. Como animal de sangue quente, o homem está num nível mais alto, assemelha-se mais ao sol. Isto explica porque o homem interno é sempre entendido como o sol do céu ou filho do sol.

Aqui, então, o sapo surge do cálice como a serpente curadora e mediadora e expressa mesma função; é um símbolo de cura. E isso significa que o homem como ele é, é um símbolo de cura, que ele é a coisa que não foi aceita, a coisa que foi suprimida ou evitada. O homem como ele é, é a pedra rejeitada pelos construtores que se torna a pedra angular. (MARCOS - 2:10 – A pedra que fora rejeitada pelos que edificavam, essa veio a ser a principal.); ele é a planta delicada que cresce em solo seco e estéril, onde ninguém esperaria que qualquer nada aparecesse, cumprindo as profecias messiânicas do profeta ISAIAS (53:1-3).

Mas o sapo, simbolizando o homem como ele é, só atinge a dignidade de um símbolo de cura quando é compensatório; isto é, quando encontra um auditório – individual ou público – que o identifica com o homem interno superior. Porque se nós, na forma de sapos, nos identificamos com o belo Príncipe Encantado, necessariamente sofremos de inflação; então, somos unilaterais e inaturais, porque possivelmente não podemos ser aquele homem superior. NIETSZCHE que tentou se, excedeu-se completamente, e foi ameaçado com o "homem mais hediondo". Por esta razão ele sucumbiu e esta é a razão pela qual sucumbimos quando assumimos uma superioridade que não é nossa. Mas é redentor e curador para nós aceitarmos a nós mesmos como somos em vez de sempre querer que as coisas fossem diferentes. Constantemente dizemos: "Ele seria ótimo se não fosse assim e assim, " ou "Eu poderia realmente aceitar-me se não fosse o que sou". ... Mas a sabedoria começa quando tomamos as coisas como são; de outra forma não chegamos a lugar algum, simplesmente tornamo-nos balões inflados sem os pés no chão. Somente concordando com os fatos como eles são, podemos viver sobre a terra nos nossos corpo, só então podemos prosperar... É injusto com os nossos

amigos e injusto conosco mesmos assumir que os seres humanos podem tornar-se super-homens. Aquela coisa feia e repulsiva é, exatamente, o que leva à redenção: a princesa conseguiu seu Príncipe Encantado da pele do sapo.

Assim, a idéia nesta visão é que o remédio redentor que emerge do cálice sagrado é meramente o homem como ele é, incompleto, uma primeira tentativa da natureza de fazer, no nível daqueles de sangue frio, o homem de sangue quente. E porque seria o homem, a última idéia do Criador? ... Tantas coisas na sua estrutura e disposição são tão tolas e impróprias, não apenas no seu corpo, mas também na sua mente. É bem possível que aqueles que existirão no futuro distante, isto é, uns cem mil anos à frente, olharão para trás como nós olhamos para o pitecantropo e dirão: “Isto não era homem, era uma besta!”. E ainda assim, o pitecantropo, se de algum modo pensava, poderia também ter assumido que estava no topo da criação.

Nós reconhecemos isto e partindo de um extremante amplo senso de inferioridade, nos identificamos com o que é mais belo. Temos vislumbres dele e pensamos que já o atingimos, que somos realmente bons, por exemplo. Mas não somos bons... Olhem para nossas idéias e nossas condições. Tudo está desesperadamente em embrião, e apenas começamos a perceber isso... Somos como um bando de girinos; cada girino quer fazer alguma coisa, mas porque os girinos são um bando nenhum deles pode; porque um bando não tem cérebro, as psicologias dos assim chamados líderes e a do bando são idênticas.

O homem está num estado extremamente embrional e o homem superior nunca pode se desenvolver quando os girinos decidem que eles não são girinos, mas alguma coisa muito mais maravilhosa, quando eles negam que têm rabos e nadadeiras, quando os sapos supõem ter sangue quente e lindas vozes canoras. Primeiro, precisamos aceitar o fato de nós mesmos, o que nós somos; então, podemos nos desenvolver. Aceitando-nos na condição embrional, acolhemos a nós mesmos, como uma mãe acolhe uma criança no seu ventre, onde ela é alimentada e se desenvolve. Se podemos realmente nos aceitar, podemos alimentar a nós mesmos e nos desenvolver; esperar alguma coisa mais é como esperar que uma criança prematura cresça por si mesma. Assim, quando nesta visão o sapo surge do cálice no lugar da serpente, significa que o sapo é aqui o símbolo da redenção... Não a perfeição do homem, mas a sua imperfeição é que se espera...

O Advento do Anticristo

- *Visão:* (continuação) O sacerdote ajoelhou-se cantando: "Perdoa-nos, oh! Senhor, porque pecamos." Uma serpente com capuz preto sobre a cabeça, silenciosamente, deslizou degraus acima até o altar e enrolou-se na cruz. Eu fui até a serpente e perguntei por que ela estava ali. A serpente respondeu: "Eu sou aquele que tomou o lugar de Cristo".

A paciente desenhou esta serpente

(FIGURA PÁG. 120: SERPENTE ENROLADA NA CRUZ)

Dissemos que o sapo é, de certa forma, um símbolo de redenção, mas aqui não havia um sapo, havia muitos... A multitude sujere uma multitude de seres humanos; poder-se-ia dizer que assim como uma multitude de sapos salta do charco depois da transformação do estágio de girino, assim do cálice emergem símbolos para muitas pessoas, e para o indivíduo também, na medida em que faz parte de uma multitude. Então, quando cada um aceitou sua imperfeição individual, a serpente aparece e enrola-se no lugar do redentor, indicando que a serpente é o equivalente do redentor.

Esta é de novo uma extraordinária idéia gnóstica de JESUS como a serpente no paraíso que foi considerada herética e amplamente rejeitada pela igreja primitiva. Mas essa idéia nunca morreu, realmente, e tem voltado de novo e de novo. É o mesmo que a serpente Kundalini, e esta é idêntica ao *agathodaimon,* a serpente do Egito (o bom demônio) e do antigo sincretismo helenístico, nos primeiros séculos, antes e depois de CRISTO. Além disto, a serpente é o Anticristo, o irmão de JESUS, de acordo com a lenda que remonta ao primeiro século. Esperava-se o aparecimento do anticristo logo depois de JESUS, no futuro bem imediato, porque foi entendido então que JESUS retornaria antes que o último de seus discípulos ou testemunhos vivos tivesse morrido, e supunha-se que seu irmão, a serpente, chegaria antes da sua volta.

Segundo a lenda, o Anticristo nascerá também na Palestina, realizou milagres em Jerusalém, fez tudo em exata analogia com a vida de CRISTO, mas que tudo isto era maligno, magia negra. Isto mostra que naqueles dias a idéia do

salvador era sentida como testada internamente por um poder contrário... A realidade ctônica, na medida em que era oposta ao esforço espiritual realizado pelos homens naquele tempo – a tentativa da cristandade para espiritualizar-se – tinha que ser necessariamente diabólica...

A lenda do Anticristo era portanto, uma verdadeira expressão do espírito daquela época, que se expressou também no simbolismo da astrologia, porque naquele tempo iniciou-se a era de Peixes. De acordo com a atual configuração da constelação de Peixes (que difere da astrológica), um peixe está em pé e o outro na posição horizontal, e entre eles há a "comissura", uma espécie de corda de rabo para rabo. (Notem: as linhas vertical e horizontal indicam uma cruz). O que está em pé seria o peixe cristão e o horizontal o peixe anticrístico. Por isso CRISTO foi chamado *ICHTHYS*. Ele é aquele que se eleva ao céu, a cabeça apontando para cima, para o alto, enquanto o anticristo nunca deixa a terra, é o "o homem mais hediondo", o Diabo.

(FIGURAS DA PÁG. 120 – OS PEIXES: o signo astrológico e o signo astronômico – e duas moedas)

Assim, essa psicologia cristã pertence à era de Peixes e estamos ainda lá (1932), mas a nossa psicologia presente está se aproximando da cabeça do peixe horizontal. Este segundo peixe diferentemente do símbolo astrológico tradicional não aponta a direção exatamente oposta; o Anticristo não é contraditório, é apenas horizontal e não é claro porque este peixe seria tão maligno. Ele é mau apenas porque não se eleva ao céu, ele permanece na terra.

Quando o ponto vernal se moveu de primeiro peixe para o segundo, o símbolo redentor afastou-se sempre mais e mais do herói espiritual, e a humanidade do homem, seu aspecto ctônico, foi crescentemente enfatizado. Isto ocorreu no meio da "comissura" no ano 1500, o tempo da renascença, seguido pela Reforma. Ele entrou no rabo do peixe horizontal perto de 1720, quando começou o Iluminismo francês, que conduziu à derrubada do cristianismo em Paris e à entronização, em seu lugar, da Deusa Razão. A linha divisória está bem no meio da "comissura"; desde então tivemos os humanistas e um inteiramente novo ponto de vista.

É como se as alturas tremendas dos tempos góticos estivessem desmoronando, afundando na terra, e como se o homem se estendesse para fora em vez de elevar-se ao céu como o primeiro peixe. A energia já não era mais acumulada para cima mas estendida horizontalmente. Foi a época das grandes viagens e das grandes descobertas, do crescimento da ciência natural, quando o homem se tornou todo-importante.

E agora nos desenvolvemos tanto ao longo dessas linhas que já nada mais existe a não ser o homem. Os céus ficaram inteiramente despovoados... todas as hierarquias de anjos e arcanjos, e o próprio Deus, entraram no homem ... e o homem foi deixado inteiramente sozinho com uma tremenda inflação.

Anteriormente, citei uma passagem de SINÉSIO, bispo de Edessa, que era na realidade, meio pagão e também um poeta. Ele disse que o "*spiritus phantasticus*" que na realidade é a imagiação humana, pode entrar até na divindade (e SÃO PAULO diz exatamente o mesmo: que pelo pensamento

podemos conhecer Deus), mas se o faz, terá que agüentar, ou sofrer, o caso destrutivo, o desmembramento de tudo que foi acumulado no primeiro peixe, o inteiro ponto de vista espiritual desmembrado pela nossa extraordinária extensão horizontal... O homem espalhou-se sobre a terra, e tudo nela é subserviente a ele, mas nós estamos ainda sob a influência do primeiro peixe e ainda não o aceitamos. Nós pairamos como espíritos sobre a terra e acima de nós mesmos.

Mas agora temos que aceitar a nós mesmos. A completa aceitação do homem como ele é parece ser a conclusão necessária da era dos Peixes. Já que ele se julga divino e comporta-se como se fosse, ele tem que assimilar a si mesmo, conhecer-se a si mesmo. E entender-se a si mesmo é um terrível choque...

A aceitação do homem como ele é, é o problema psicológico, ou se preferem chamá-lo assim, o problema espiritual ou religiosos dos nossos dias; é contra isso que nos arvoramos agora. Mas a visão diz que quando isto acontece, a serpente tomará o lugar do redentor na cruz. Isto significa que o anticristo, que pensamos ser o princípio do mal, será o símbolo redentor. Então, um ciclo terá se completado, e estaremos de volta aonde eles estavam no primeiro século a. C., quando descobriram que a serpente era realmente o redentor. Depois disto alguma coisa nova pode começar.

Ela Olha no Disco Dourado

- *Visão:* (continuação) eu saí da catedral e ajoelhei-me sobre as pedras da praça diante de um disco dourado no solo. Perguntei ao disco porque a serpente tomara o lugar de CRISTO na cruz. Olhei, então, no disco e vi meu rosto refletido nele. Meus olhos eram verdes, meus lábios vermelhos e meu cabelo estava entrelaçado com folhas de parreira. Voltei à catedral e disse à serpente: "Agora eu entendo".

O primeiro ponto importante é a praça com o disco dourado sobre o solo. Lembram alguma coisa a respeito disso?

Resposta: Era a poça de ouro nas raízes da árvore.

Resposta: Ela passou pela face de Deus e então chegou à poça de ouro.

Resposta: Era como o sol em cima e o sol embaixo.

Dr. JUNG: O sol em cima tem sido símbolo de uma divindade espiritual desde tempo imemorial... Mas aquela poça de ouro caracterizava um valor muito concreto, não um valor espiritual. Era a face de Deus, por assim dizer, mas materializada sob a forma de ouro... Nesta visão o disco de ouro tem o sentido

de matéria versus espírito. O ouro realmente indica a substância concreta; não é apenas emblemático, é o verdadeiro material valioso, que agora assume um valor quase espiritual. Ele substitui o valor espiritual porque o espírito está como que exaurido; nestas visões há uma nova consideração da matéria como uma espécie de objeto religioso.

Isto é completamente estranho à nossa mentalidade cristã. Não podemos conceber a matéria como uma entidade espiritual, ou imaginar que ela possa ter uma conotação espiritual ou um valor espiritual. Parece um paradoxo absoluto. Mas, se estudamos a filosofia hindu, vemos que a matéria, como o posto do espírito, é, na realidade, bem a mesma coisa... Porque o espírito, para eles, é o que eles chamam CIT, ou consciência, significando uma consciência universal que não deve ser definida por nenh7um conteúdo específico; é uma consciência destacada, sempre-presente, que imbui tudo. E, quando esta consciência cria uma idéia, eles dizem que ela se expressa como matéria concreta; assim, a matéria é o definido pensamento concreto da divindade ou do CIT; quando CIT torna-se específico ele é matéria... Em outras palavras, quando a consciência universal – ou podem chamá-la BRAHMAN... produz um pensamento definido, então ela é matéria...

Quando essa mulher olha no disco de ouro e se vê com uma aparência diferente, ela subitamente compreende porque a serpente subiu na cruz. O que é o seu novo aspecto? Como está ela transformada?

Resposta: Agora ela tem uma aparência dionisíaca e seus olhos são verdes.

Dr. JUNG: Exatamente, a grinalda de folhas de parreira na sua cabeça é dionisíaca. E o grande Deus PAN tinha olhos verdes na pintura que ela fez dele. Assim, agora, ela se reconhece como um ser semelhante à natureza, porque PAN era o Deus da natureza, de acordo com a última interpretação...

Há uma lenda muito simbólica que parece referir-se a um fato real – que no fim dos tempos antigos espalhou-se um rumor nas ilhas gregas de que PAN havia morrido. Tomado como um sintoma da mentalidade daqueles dias, isto significaria que o inconsciente sentiu a necessidade de informar as pessoas que o grande PAN morrera, que aquele princípio tinha chegado a um fim – e realmente foi o tempo quando PAN, como a deidade da natureza, chegou ao fim.

Agora, nos nossos tempos, de novo, depois do reinado do espírito, algo semelhante está acontecendo. Em "Assim falou Zaratustra", NIETZSCHE diz: "Deus está morto". Isto é o mesmo, mas agora significa que o Deus espiritual chegou a um fim. E o inconsciente reage imediatamente, fazendo emergir novamente os símbolos de PAN... Espelhada no disco de ouro, na criação material de suas próprias mãos, a paciente é semelhante a PAN, ela é um ente da natureza. E, na medida em que ela é um ente da natureza, ela é a réplica exata da deidade; através da sua identidade com a natureza, ela experimenta sua identidade com o Criador.

Poderíamos supor que sentirmos-nos idênticos com o Criador só é possível através da espiritualidade, mas o nosso cultivo extremo do espírito fez que sentíssemos nossa diferença da deidade. Estamos repletos com a idéia de

extrema pecaminosidade, e assim como poderíamos nos identificar com a deidade? Antes parece-nos uma extraordinária impertinência da parte dos místicos insistirem na sua identidade com Deus. E foram apenas os últimos místicos que ousaram fazer isto.

O melhor exemplo para isto é aquele poeta, um dos mais místicos e ingênuos, ANGELUS SILESIUS. De modo muito inocente, ele confessava sua identidade com Deus, mas ele só podia fazer isso numa condição mais ou menos sonâmbula... Ele foi sobrepujado pela visão e ficou incapaz de vivê-la plenamente, de assimilar a tremenda verdade que havia descoberto... Nele pode-se ver que, mesmo sem qualquer particular perseguição, passar por tal mudança nas suas convicções religiosas pode matar um homem.

Há uma mudança semelhante em andamento no caso desta mulher. Quando ela se vê como um ser da natureza, ela pode entender porque a serpente curadora tornou-se de novo o símbolo do redentor, do curador, o SOTER (libertador), o HEILAND (Salvador). É o "daimon" de ESCULÁPIO, a forma natural do curador... A serpente, ou o dragão, é o outro lado do herói, porque a verdade é que eles são dois aspectos da mesma coisa. Como reza o BHRIGU UPANISHAD, do ponto de vista humano, ESCULÁPIO era um homem semi-divino; e do ponto de vista da natureza, ele era uma serpente. Sua qualidade essencial era não-humana, era super-humana e portanto, simbolizada por uma figura animal.

Poder-se-ia quase dizer que numa certa fase da história, quando as pessoas olham as coisas de um ponto de vista humano, os Deuses se tornam humanos;

e quando elas olham o mundo do ponto de vista da natureza, as formas materiais ou as formas animais aparecem. Assim, depois desta recognição, quando a paciente volta à catedral e diz à serpente que ela agora entende, alguma coisa deste tipo pode estar sendo sugerido.

Casada por uma Bruxa

- *Visão*: eu vi muitos homens a cavalo, carregando brancos estandartes tremulantes. Eles usavam elmos. À medida que passavam, arrancavam seus elmos e os jogavam ao solo. Eu apanhei um e dentro vi gravadas estas palavras: Usa este elmo se queres proteger-te do mundo. Joguei fora o elmo e fui adiante. Vi um dos cavaleiros descer do seu cabalo e colocar-se diante do fantasma de uma velha mulher. Em frente do fantasma havia um caldeirão com fogo, fervendo. Juntei-me ao homem e a velha mulher disse: "Vou casá-los com fogo". Ela jogou fogo sobre nós.

Estes homens a cavalo são, obviamente, soldados. O que sugere isso?

Resposta: O Animus coletivo.

Dr. JUNG: Sim. É o motivo que encontramos muitas vezes antes: sempre, quando se torna necessário um novo empreendimento que ela não pode encarar, o Animus a precede, ou sozinho ou como uma multitude... Estes soldados sugerem uma disposição para se empenhar... Há alguma coisa

triunfante nisso... Usualmente o Animus é uma opinião coletiva, e esta costuma dirigir-se contra ela, mas esse é apenas o Animus negativo... Como função involuntária da mente, o Animus não é necessariamente negativo; algumas vezes ele é muito positivo... Assim, o fato de que estes soldados jogam ao chão seus elmos, poderia indicar, antes, uma ação amistosa, e a inscrição dentro do elmo que ela apanhou poderia ser para proveito dela..., sugerindo que tome as necessárias precauções contra o mundo cobrindo sua cabeça com um elmo. Agora, porque precisamente isto?

Resposta: É porque agora ela tem aquela aparência dionisíaca?

Dr. JUNG: Sim. Se ela aparecesse no mundo com olhos verdes, lábios escarlates e folhas de parreira no cabelo, ela não seria vista como deveria. Seria pouco reputável sair com olhos de PAN. Ninguém deve suspeitar que alguém é um ser da natureza... Não esqueçam que o diabo medieval era representado com chifre e rabo, justamente como PAN. É perigoso expor-se no mundo como um ser da natureza. Seu Animus está lhe dando uma boa advertência quando lhe diz que cubra sua cabeça, que a esconda, porque é ela que o mundo mais certamente irá vergastar. Mas, ela não percebe contra o que está se movendo. Como os soldados, ela também joga o elmo ao chão e vai adiante para encarar as dificuldades corajosamente, sem se proteger, o que é antes, temerário. Seria melhor permanecer perfeitamente quieto em toda essa situação... mas a disposição de Animus toma a forma de uma espécie de atitude beligerante; como propor uma afirmação absurda para lutar por ela, como se a luta fosse por Jerusalém.

Então, um cavaleiro desce como se viesse ajudá-la. Isto é, uma parte do grupo de figuras e animus condensa-se ou concretiza-se num homem, e quando o animus se torna um, é muito provável que esteja projetado sobre um homem real... Neste caso ela o vê perante o fantasma de uma velha mulher, evidentemente uma bruxa, porque há um caldeirão no fogo e isto sugere sempre uma bruxa. Expressando psicologicamente, o Animus dirige-se agora ao inconsciente; o fantasma indica o inconsciente; o inconsciente coletivo é o mundo do fantasma e a bruxa é uma figura do inconsciente coletivo. Esta mulher estava saindo para encarar o mundo, mas uma vez que o seu Animus se volta para o inconsciente coletivo, ela tem que ficar com ele. O seu procedimento temerário fez seu Animus desmontar; em vez de continuar, ele volta antes para trás, para o inconsciente. Agora, quem seria a bruxa?

Resposta: Ela é a sombra.

Dr. JUNG: Sim. Naturalmente é um pouco desconcertante que a nossa paciente seja, de repente, representada por uma velha mulher, mas isto é inteiramente lógico devido ao fato de que ela estava procedendo tão temerariamente. Ela é muito jovem, por isso a velha mulher aparece dentro como compensação. Pode-se ver isso nos sonhos: quando a atitude consciente é demais imatura, demais infantil, uma mulher velha aparece como figura compensatória... Assim, a velha mulher é realmente sua sombra.

Aqui, novamente, sua condição subjetiva é encenada perante seus olhos... Naquele aspecto dela de olhos verdes, lábios escarlates... ela vai para o lado do homem, e a velha mulher lança fogo sobre eles, ao se colocarem perante o

caldeirão. Ela não é sua própria sombra aqui porque ela está num cerimonial mágico. A velha mulher é sua sombra, e é a figura que se coloca entre o consciente e o inconsciente; nesta posição ela é bem ela mesma destacada da sombra, bem como da consciência do Ego. Agora, o que sugere o caldeirão?... sempre que ele aparece indica o processo alquímico, o processo de transformação. Assim, o que deveria ser transformado?...

Resposta: Sua atitude beligerante.

Dr. JUNG: Sua ousadia em aparecer no mundo como uma mênade (sacerdotisa de Dionísio), uma PAN fêmea. Isto não funcionará de forma alguma, isto é muito insensato. E agora o cerimonial; porque diz a velha mulher: "Eu vos casarei com fogo"?

Resposta: Ela quer que a paciente se case com seu Animus.

Dr. JUNG: E quais as razões psicológicas para isso? Antes de tudo, o Animus não deveria normalmente, estar conectado com a sombra, porque nesse caso há dois contra um: a sombra mais o Animus, contra a consciência. Isto é demais: ou a consciência escapa de "pinta e borda", ou sucumbe à inconsciência predominante e se apaga. Então, ocorre a possessão pelo Animus. Ela deveria estar relacionada com o Animus, exatamente como deveria ser a proprietária de sua própria sombra.

Vejam, aqueles que não estão na posse e não percebem seu lado inferior sombrio, podem aparecer como pessoas maravilhosamente boas, ninguém

pode descobrir neles qualquer falha, são brancos como leite. Eles mesmos nos dizem que nada há de errado com eles. Todos os outros são errados, mas eles, nunca. Mesmo assim, porque negam suas sombras, tais pessoas são absolutamente possuídas por diabos; as mulheres são todas devoradas pelo Animus. Reforçado por este excelente alimento, ele cresce tão forte que é capaz de possuir a consciência, de dirigi-la. Em tal caso, a conexão entre o Animus e a sombra deveria ser quebrada e aqui está sendo mesmo quebrada pela sombra.

Quando vemos nosso lado inferior, podemos nos destacar do Animus ou da Anima, mas enquanto não o percebemos, não temos uma chance. Assim, o que a bruxa faz é muito útil; ela tenta casar o Animus com o eu consciente, jogando fogo sobre eles, uma espécie de procedimento de fusão.

A Sombra

Pergunta: Como ocorre que a sombra assuma um papel tão positivo? Será que cansou-se do Animus?

Dr. JUNG: A sombra nada fez, na realidade... a própria paciente adquiriu uma atitude ativa. Ela se mostra num papel muito masculino, até mesmo jogando fora o elmo que o animus lhe oferecera para sua proteção. Como resultado, um dos cavaleiros desce e vem para o seu lado; em outras palavras, ela força o Animus a descer até ela; ela destaca o Animus da sombra e com isto faz da sombra um fantasma, uma coisa irreal, ainda que com a qualidade positiva do fogo. Uma bruxa pode ser uma bruxa, quer seja real ou um fantasma, ela pode

jogar fogo sobre eles, e a questão é se o fogo é positivo. Minha suposição é que se trata de uma má vontade destrutiva...

Tem que ser feita uma diferença entre a sombra e o inconsciente pessoal... O conceito freudiano do inconsciente é apenas o inconsciente pessoal, na media em que FREUD supõe que, praticamente falando, a existência do inconsciente está baseada em repressões. Esta, ao menos, é a sua principal hipótese de trabalho. De acordo com sua idéia, o inconsciente existe apenas como uma função do consciente, ele não tem qualquer virtude própria, nenhuma existência por si mesmo. FREUD supõe que se alguém muda sua atitude pessoal consciente, não terá mais um inconsciente; que se a sua interpretação do simbolismo neurótico fosse amplamente conhecida, os neuróticos estariam curados, que eles só têm neuroses porque não sabem o que é tudo isto. Diga a um homem que ele tem um complexo de incesto; tão logo ele sabe isto, não mais será neurótico. Mas isto está errado, porque baseia-se, para começar, na idéia de que a neurose é causada por repressões, o que FREUD simplesmente tem como certo; ele está convencido de que necessariamente se estará bem de novo se se conhecem os conteúdos das próprias repressões. Mas isto não é verdade.

Parece um esmiuçar exagerado quando tento explicar a sutil diferença entre este conceito de inconsciente pessoal e o que eu chamaria a sombra... mas é muito importante saber isto por razões práticas. Porque a sombra é um fato normal e natural, enquanto o inconsciente freudiano, ou o inconsciente pessoal, não é necessariamente um normal fato natural; é, até certo ponto, um fato cultural. Se perguntamos às pessoas o que é a sua sombra, eles tendem a

falar daquilo que reprimem; isto é, a sua suposição consciente da natureza de suas sombras. Mas devem perceber que tal suposição não coincide, necessariamente, com a realidade. Geralmente cometemos o erro de supor que a sombra coincide com as nossas repressões, nós a explicamos nestes termos. Mas embora isto possa ser assim, não é necessariamente assim. O verdadeiro mal nas pessoas é, com freqüência, bem diferente, elas reprimem alguma coisa que talvez nem mesmo seja mau, mas apenas um engano, uma ilusão.

Vou contar-lhes um caso. Um homem chegou e contou-me, entre outras coisas, que era homossexual. Ele não aprecia sê-lo e eu tenho as minhas suspeitas quando as pessoas me afirmam que têm peculiaridades sexuais, e assim lhe perguntei se ele fizera antes uma análise freudiana e descobri que sim – durante alguns meses. Disse-lhe então: "Agora me diga, teve ligações amorosas com rapazes?" "Oh! Não" ele disse, bastante perturbado, "a coisa não está tão ruim". "Mas no que consiste sua homossexualidade? O senhor tem fantasias sobre moços ou gosta mais deles do que das moças?" "Oh! Não, eu sempre namorei moças. Quando o analista me disse que eu era homossexual, eu fiquei chocado, eu não sabia disso." "Mas como o analista soube já que o senhor não sabia?" "Foi uma grande surpresa; sonhei uma vez que estava dormindo com alguém que eu pensava ser uma mulher e que se revelou ser um rapaz. Acordei terrivelmente chocado."

Naturalmente pode-se sonhar qualquer coisa, pode-se sonhar que se está dormindo com um animal, mas isto não prova que se é um pervertido sexual, isto é simplesmente um símbolo. Mas estas pessoas tomam isto muito literalmente, e estão convencidos de que é sexual, o que simplesmente não é

verdade. Aquele simbolismo não vem de uma repressão; a teoria da repressão não é necessariamente uma verdade eterna, é um ponto de vista, nos dá um esboço...

O inconsciente pessoal de certo modo coincide com a sombra, mas ainda assim pode ser também como uma camada de ilusão, uma espécie de suposição sobre a natureza má da sombra. Porque embora a sombra seja o negativo da personalidade consciente, ela pode ser muito mais decente e ter muito mais qualidades positivas do que o consciente. Muitas pessoas vivem conscientemente seu lado escuro, e sua vida consciente é a vida da sombra... Elas vão por aí caindo num buraco depois do outro, e se lhes perguntamos sobre suas sombras eles dizem que são assassinos, degoladores, jogadores, tudo que há de errado, quando na realidade são gente inteiramente decente; se alguém arranca fora aquela camada de ilusão sobre suas sombras, descobrirá que elas são oitenta por cento ouro puro, pessoal realmente boas. (Há sempre um tipo de oculto complexo de Cristo numa tal atitude; também aquele princípio infantil: "É bom para você quando você me fere.")... Assim, a camada de ilusão que temos a respeito de nossa sombra não deve ser tomada como a sombra; para descobrir o que a sombra realmente é, às vezes é uma tarefa e tanto...

Aqui não estamos falando de tais suposições, mas da sombra como geralmente ela é na realidade, isto é, a parte inconsciente da personalidade – e esta é uma coisa extremamente real. Dizer que a sombra é meramente a ausência de luz é como a famosa definição que as pessoas otimistas dão do mal – que ele não passa da ausência do bem, apenas um engano. Mas quando se vê como as

coisas se desenvolvem no mundo, vê-se que o diabo está realmente nelas, que há um mal abismal em atuação. Não se pode explicar a tendência destrutiva que há no mundo como uma mera ausência do bem ou como um erro cometido em alguma coisa originalmente boa. As pessoas dizem que no fundo o homem é bom, mas isto não é verdade; poder-se-ia da mesma forma dizer o oposto...

E assim, a nossa sombra realmente existe. Ela é tão má quanto nós somos positivos e construtivos na consciência... Quero dizer: quanto mais desesperadamente tentamos ser bons e maravilhosos e perfeitos, tanto mais a sombra desenvolve uma definida vontade para ser escura e má e destrutiva. As pessoas não podem ver isso; estão sempre se esforçando para serem maravilhosas, então descobrem coisas terríveis e destrutivas acontecendo e não podem entendê-las. Elas podem negar que tais coisas tenham algo a ver com elas ou, se as admitem, tomam-nas como aflições naturais, ou tentam minimizá-las e transferem a responsabilidade para alguma outra coisa. O fato é que se alguém tenta ser perfeito além da própria capacidade, a sombra desce ao inferno e torna-se o diabo. Porque é tão pecaminoso do ponto de vista da natureza e da verdade estar acima de si mesmo como abaixo de si mesmo...

Agora me perguntarão se esta velha mulher, a sombra que tenta jogar fogo sobre a paciente e seu Animus, está se comportando de um modo positivo, fazendo alguma coisa boa para a psique toda. Isto não é tão simples. Temos aqui que nos lembrar do texto: a paciente vê um dos cavaleiros postar-se diante do fantasma de uma velha mulher, e diante da mulher há um caldeirão com fogo fervente. E como dissemos, o caldeirão indica que a velha mulher é

uma bruxa. Não há nada muito positivo nisso. Ainda mais, ela nem mesmo é uma bruxa real, ela é o fantasma de uma bruxa, o que a torna ainda mais negativa, é muito fantasmagórico... Aquele fogo vem do lado inconsciente, é um fogo telúrico das entranhas da terra.... Assim, evidentemente, a sombra não se tornou positiva, a despeito do fato de que ela casa a paciente com o Animus.

Casada com o Animus

Mas esta união da paciente e seu Animus cria uma situação diferente, é claro; ela agora está separada da sombra, ou em oposição a ela e ainda assim casada com o Animus. Isto significa que ela gora tem uma conexão imediata com o inconsciente coletivo; isto fornece uma possibilidade ao inconsciente coletivo de mesclar-se com o consciente, e os dois podem unir-se e produzir, naturalmente, uma nova condição. Porque o mundo consciente e o mundo inconsciente são o principal par-oposto; quando os dois se juntam, é como se homem e mulher se juntassem, como a união de masculino e feminino, de luz e trevas. Então, ocorrerá um nascimento.

Esta é a razão pela qual a alquimia , a pedra dos filósofos é caracteristicamente representada como uma reconciliação de opostos – isto é, de Yang e Yin. E para esta mulher, estar casada com o Animus significaria uma união de Yang e Yin que resolveria nela o conflito entre os dois mundos, o mundo da luz e o mundo da escuridão, o mundo visível e o mundo invisível. Seria o começo – ou pelo menos a antecipação – do TAO. Esta é apenas uma condição psicológica, naturalmente; neste caso é uma mera intuição, alguém

procuraria em vão sintomas do TAO na sua vida externa, ou mesmo na sua sensação geral sobre si mesma. O caminho para estabelecer TAO está apenas indicado aqui. Se TAO estivesse realmente estabelecido, tudo cairia no lugar; não haveria conflitos exigindo soldados e elmos e outros meios de proteção.

- *Visão*: (continuação): Uma chama cresceu da cabeça do homem e do meu peito cresceu uma chama também. Então, a velha mulher disse: "Vão e vejam o que podem encontrar." Nós partimos.

O fogo de EROS irrompe do seu coração e o fogo de LOGOS da cabeça dele. A mente involuntária inconsciente da mulher está em chamas e mescla-se com seu coração de mulher, com EROS. Poderíamos supor que agora ela está equipada. Mas sair no mundo tão descuidadamente, mostra uma falta de consideração pelo sentimento; se ela tivesse uma função de EROS diferenciada e não estivesse inteiramente possuída pelo Animus, ela veria imediatamente que tal "performance" não teria êxito. Se ela percebesse seu próprio sentir não poderia aparecer como um ser da natureza semelhante a PAN, porque o amor, afinal de contas, tem alguma coisa a ver com bondade. Na maioria dos casos, admito, ele é apenas uma posse infernal, mas o amor <u>deveria</u> ter algo a ver com bondade – eu estou apelando pelo amor.

No Oriente, onde eles pouco sabem deste nosso tipo de amor, existe um belo símbolo para ele em KWANNON, a Deusa da benevolência. Ela alimenta todos os seres vivos, mesmo os maus espíritos no inferno, e para fazer isso ela deve descer ao inferno; mas assustaria os demônios se ela aparecesse lá na sua forma celestial e, como Deusa da benevolência ela não pode permitir que isso

aconteça; assim, com tal extraordinária consideração pelos sentimentos dos diabos, ela se transforma num espírito mau e sob esse disfarce ela desce com o alimento. Há uma bela pintura tradicional onde ela está representada no inferno como um diabo entre os diabos, alimentando-os; mas há um fino fio subindo da sua cabeça até um ser celestial acima, que é ela mesma em todo o seu esplendor.Esta é a atitude psicológica que o amor verdadeiro sugere...

Mas, pra que se realize a união dos opostos na nossa paciente é necessário, antes de tudo, que tanto o princípio Yang como o princípio Yin sejam ativos na sua psicologia. Ela precisa conter o princípio de luz e não perder a consciência e a compreensão; de outro lado, ela precisa ter também o poder da escuridão; isto é, a chama no seu peito.

Coisas como esta foram apontadas antes, quando influências escuras chegaram até ela e quando o seu Animus transformou-se no princípio escuro, como no Negro. Aqui está na forma da chama de EROS emanando do seu coração e na chama de LOGOS saindo da cabeça do homem. Estas chamas não são sagradas e têm a ver com os fogos do inferno mais do que com o calor e a luz. Elas mostram a intensidade do propósito escuro. E a velha bruxa diz: “Vão e vejam se eles encontrarão tremendos obstáculos, porque agora eles têm que lidar com a muito imediata e notável resistência da terra.”

- *Visão*: (continuação) Os estandartes brancos dos homens deixavam rastros no solo. Chegamos a uma floresta e lá vimos um dragão semelhante a uma serpente. Na boca ele segurava uma faca. O homem puxou-a e arrancou os dentes do dragão, jogando-os para

> trás de si. Continuamos e logo chegamos a um bloco de gelo. Eu disse: "Dentro deste gelo há uma bonita jóia vermelha. Como derreteremos o gelo para obter a jóia?" O homem respondeu: "Somente o teu corpo o derreterá." Então, deitei-me sobre o gelo, e ele se desfez. Eu dei a jóia ao homem, que a colocou sobre o peito. À medida que caminhávamos na escuridão, vimos perante nós, no céu, as luzes radiantes da aurora boreal.

Esta é uma situação típica, o herói e sua dama numa busca. É provável que apareça um dragão, ou eles entrarão numa floresta escura, ou qualquer coisa deste tipo. E agora começam as aventuras na caminha até a meta distante. O dragão segura uma faca na boca, o que é bastante inusual. Não há paralelo mitológico, mas ela leu "A Psicologia do Inconsciente" e provavelmente viu lá uma antiga lenda cristã sobre um dragão que vivia numa caverna e ao qual se sacrificavam virgens. Um antigo santo cristão entrou na caverna e destruiu o dragão que ele descobrira ser um aparelho mecânico. Sua língua era uma espada que se projetava, e as moças eram lançadas pela espada para dentro do rabo do dragão. Nossa paciente provavelmente referia-se a esse dragão, tendo-o adotado porque o simbolismo era uma expressão adequada para o seu caso particular. Porque o que representaria um dragão com uma espada na boca?

Resposta: Opiniões de Animus?

Dr. JUNG: O dragão é um monstro tragrador, envolvedor ou devorador, eu penso que ele significa aqui uma multitude, uma coletividade. E a língua, que é afiada como uma faca, seria o mexerico, a calúnia, o criticismo público ou a

depreciação, qualquer coisa que “mata”. Assim, poderíamos chamar este dragão outra forma de Animus. Mas não devemos exagerar o uso do termo animus, então, seria melhor dizermos que o dragão é aqui a opinião coletiva, que não é necessariamente representada pelo Animus, porque é também um fato externo...

Ela tem que encarar isto. Assim o homem, que é a sua mente, tira a espada – ou a faca – do dragão e, arrancando seus dentes, joga-os para trás, indicando que a mente dela arranca o ferrão do mexerico. Como sabem, na análise, naturalmente é preciso lidar com mexericos todo o tempo, e pode-se perceber que, geralmente, há uma ferroada neles, porque contém um elemento de verdade. Ainda mais, eles picam porque, na medida em que somos coletivos, temos também opiniões coletivas; assim, quando ouvimos de fora alguma coisa que já temos dentro, isto nos “ferra” por trás, ficamos momentaneamente dominados e nosso raciocínio nos abandona. Por isso costumo dizer a todos que são atingidos por mexericos: “Vamos então pensar sobre isto. O que aconteceu realmente e que importância tem isto?”... Como sabem, o pensar é uma atividade do LOGOS que discrimina entre as coisas, enquanto uma mulher que outra coisa não tem senão a atitude de EROS está ligada às coisas que aguilhoam e é aguilhoada de novo e de novo. Ela não tem absolutamente armas contra isto porque seu princípio EROS sempre tenta estabelecer um relacionamento nesse sentido; mas se começa a pensar, isto cria um espaço entre tal situação e ela mesma. Assim, ela fica relativamente salva. Então, aqui nossa paciente tem que aprender a desarmar mexericos e observações ferinas da forma como um homem chega às suas próprias convicções, isto é, independentemente da opinião pública...

A Jóia dentro do Gelo

- *Visão*: (continuação) Continuamos a andar e logo chegamos a um bloco de gelo. Eu falei: “Dentro desse gelo há uma bonita jóia vermelha. Como derreteremos o gelo para conseguir a jóia?” O homem respondeu: “Somente o teu corpo o derreterá.” Então, deitei-me sobre o gelo, que se derreteu. Eu dei a jóia ao homem que a colocou sobre o peito.

O que é este bloco de gelo com a jóia vermelha dentro? Como vêem, o simbolismo aqui enfatiza a importância do corpo. Quando uma mulher está casa com o Animus, ela usualmente é alçada a uma esfera mental onde se ocupa apenas com coiss espirituais, como se tudo pudesse ser feito por uma atitude espiritual. Mas esta é a forma errada da espiritualidade, porque há uma secreta alegria por trás do fato de escapar do problema complicado do corpo. E esta visão diz que somente o calor do corpo derreterá o gelo que contém a jóia vermelha. Uma patente influência do Animus que, de outra maneira, a elevaria demais para a esfera espiritual, está aqui contrabalançada pela ênfase no corpo, ao fato de que o gelo não pode ser derretido sem ele, que o corpo tem um papel decisivo ao seu futuro desenvolvimento. Agora, obviamente, muita coisa depende da interpretação desta jóia vermelha.

Ela é o coração ou o sangue; é o calor do sentimento, e uma jóia desta substância poderia ser chama amor. Já que o coração é uma jóia vermelha, penso que podemos supor com segurança que esta jóia significa o tesouro ou a

jóia da vida, aqui circundada por gelo. Porque se alguém é elevado às camadas superiores da atmosfera, lá tudo é congelado, até o coração pode ficar frio em uma mulher, justamente por causa do Animus.

Porque quando as mulheres começam a pensar,elas, muitas vezes ao mesmo tempo deixam de lado o coração, e quando o Animus reina sozinho, muitas vezes é como se o mundo já não contivesse qualquer sentimento ou o que quer que se assemelhe a EROS. A afirmação do Animus está sempre peculiarmente distante do alvo porque é feita de um modo absolutamente insensível. Assim, esta visão confirma o que vimos antes, que através do seu contato com o animus ela se torna descorporalizada e fria, seu coração está dentro do bloco de gelo.

Mas o coração humano tem a ver com o corpo, ele não é feito de ar, e ela só pode obter a jóia usando seu corpo para derreter o gelo, porque o calor, aquela chama, está no corpo, e ele vem do lado escuro. Se ela tentasse ser maravilhosa e perfeita, sua sombra conteria as chamas do inferno, mas ela mesma não as conteria. Ela seria um puro bloco de gelo, ela teria um coração vermelho-ardente dentro, mas seu calor não atingiria ninguém. E os raios quentes do coração de alguém mais, teriam que passar através do gelo para alcançar o dela, mas o gelo os aniquilaria, eles se extinguiriam completamente. A existência de um coração no gelo nada significa, ele tem que chegar ao próximo.

Ideais são adequados e maravilhosos, mas eles podem transformar uma pessoa em um fantasma abstrato que não emana qualquer calor... Uma gota de fogo

do inferno é absolutamente indicada. Ela está sempre lá, mas se alguém negligencia o corpo, negligencia aquela gota de fogo do inferno, e ela não funciona.

Isto não é invenção minha, a idéia vem de uma antiga lenda judaica sobre Jezer Horra que é o espírito mau da paixão. A história é que havia um homem muito sábio e piedoso, que percebeu que todos os pecados do mundo eram causados por esse espírito mau. Então, sendo um homem piedoso e portanto em muito bons termos com Deus, subiu ao telhado de sua casa, certa noite, e implorou a Deus que removesse do mundo o mau espírito da paixão. Deus atendeu seu pedido e o homem piedoso agradeceu-Lhe e sentiu-se muito contente e desceu para o mundo agora redimido do mau espírito. Mas quando foi ao seu jardim, embora as rosas estivessem belas como sempre, ele não pode usufruir a beleza e o perfume; elas pareciam muito comuns e seu perfume de algum modo não era bom. Ele disse a si mesmo: “Deve haver algo errado comigo,” e lembrou-se de um maravilhoso sinhô velho de sua adega; então desceu até á para se deliciar com ele, e era o mesmo vinho mas não tinha sabor, não estimulava. Lembrou-se, então, de que tinha no seu harém uma bela e jovem esposa e foi até ela e beijou-a, mas sem nenhum prazer. Já estava desesperado quando lhe ocorreu a idéia de que aquilo podia ter algo a ver com Jezer Horra. Então ele subiu ao telhado e rogou a Deus, suplicando-lhe que deixasse Jezer Horra livre de novo no mundo. E já que era um homem piedoso, Deus libertou o espírito da paixão e desde então ele tem estado no mundo.

Como vêem, esta é a gota de fogo do inferno, a chama, e sem ela nenhum gelo pode ser derretido. Não haverá calor, coração não tocará coração, e nenhum fogo será despertado.

Bem, esta mulher consegue derreter o gelo e ela dá, então, a jóia ao homem, que a coloca no seu peito. Isto é, o Animus agora atinge o seu coração, há uma união entre o animus e o sentimento. Ele já não é mais meramente a função LOGOS, ele contém sentimento, o que é um tremendo acervo. Porque então, o pensamento da mulher, sua concepção das coisas, não é mais uma mera abstração; é ajustada e adaptada pelos valores do sentir, o que corrige os erros do Animus.

- *Visão*: (continuação): À medida que caminhávamos na escuridão, vimos perante nós, no céu, as luzes radiantes da aurora boreal.

O que indica isto?

Resposta: A aurora boreal não é, ela mesma, a luz da terra?

Dr. JUNG: Não. Ela é elétrons descendo do espaço. Por isso está estreitamente ligada com tempestades magnéticas; quando há uma tempestade, muitas vezes a aurora boreal pode ser vista ao mesmo tempo, mas ela vem realmente dos espaços cósmicos. Isto calha particularmente bem aqui porque a situação é agora muito terrena, o LOGOS agora está conectado com o sentimento, com aquela gota de fogo do inferno no seu coração, e assim ela está inteiramente na terra e na escuridão. Então, vem a visão da luz dos espaços cósmicos. Agora, psicologicamente, o que é esta luz?

Resposta: A luz do TAO.

Sugestão: É de novo a constelação de Yang, tendo aceitado o Yin?

Dr. JUNG: Sim. Esta última parte da visão contém um pleno reconhecimento do Yin, e da psicologia essencial de uma mulher. Então chega o fenômeno cósmico, em outras palavras, uma iluminação, um esclarecimento que só é possível quando alguém está nas profundezas da escuridão. Só então pode esta luz não terrena ser vista. A aurora boreal é particularmente impressiva porque ocorre nas quase intermináveis noites de inverno das regiões árticas; é um fenômeno de brilho extraordinário, de beleza quase metafísica, uma luz muito espiritual e mística.